



Prefácio do livro

O Passado Revisto: memórias docentes como recurso formativo

Profa. Dra. Cecília Warschauer

Livro organizado por Maria Cristina Ribeiro e Rita de Cássia Rizzo de Araújo Lima, publicado pela Editora Virtual Books em 2015, ISBN 978-85-434-0691-6.

Recebi o convite para escrever o prefácio deste livro com uma alegria muito especial. E por muitas razões. Em primeiro lugar gostaria de falar da alegria do ponto de vista pessoal (apesar de ser impossível separá-lo do que sou como profissional).

Neste ano em que a Escola NANE celebra seus 40 anos de existência, completo 20 desde que a deixei para seguir meu percurso em outros locais e contextos de trabalho. O convite para ser coordenadora pedagógica da escola, na época Escola Novo Ângulo, foi muito desafiador para minha identidade de “professora primária”, mesmo para uma professora que havia teorizado sobre aquela prática baseada nas Rodas de Partilhas¹. Esse convite já demonstrava a sensibilidade das diretoras para a formação de educadores baseada no que hoje se conhece como “formação experiencial”, “profissional reflexivo”. E os anos seguintes mostraram que apostavam também num trabalho ousado de reconstrução curricular e introdução de espaços de formação no cotidiano escolar, que incluíam a memória docente e a singularidade dos educadores que se somaram à aposta de 40 anos na singularidade dos alunos, de suas famílias e histórias.

Sair daquela escola não foi fácil, não só pela qualidade das pessoas que encontrei e das parcerias que constituímos, quanto pelo trabalho que lá deixava. Um trabalho que era também a realização de um sonho: a constituição de um espaço de formação baseado nas Rodas de Partilhas como metodologia de formação humana para todos os membros de uma comunidade escolar, fossem eles alunos, professores, pais, coordenadores, diretores, o que na terminologia atual seria chamado de “comunidade de aprendizagem”.

Nos últimos 20 anos a escola passou por muitas mudanças, como a fusão com a Escola Novo Esquema constituindo a atual NANE, outras mudanças curriculares, acompanhando as novas diretrizes educacionais e as necessidades emergentes do cotidiano escolar, bem como passagem de outras coordenadoras, professores e

¹ Warschauer, Cecília. *A Roda e o Registro – uma parceria entre professor, alunos e conhecimento*. São Paulo: Paz e Terra, 1993.



professoras, cada um com sua singularidade. Tais mudanças agregaram valor ao projeto político-pedagógico da escola, referenciado nos textos iniciais deste livro. Mudanças e transformações que revelam uma prática de aprender com a própria experiência, pelo desafio de garantir uma rotina de reflexão sobre o vivido, o que não é fácil devido às urgências do cotidiano. Uma prática das “organizações aprendentes”, defendida por pesquisadores do campo educacional, como Fullan & Hargreaves², ou do meio empresarial, como Peter Senge³.

Evidencio esse contexto de grandes mudanças da escola e a passagem do tempo, 20 anos, para salientar minha primeira alegria, ou conjunto de alegrias, decorrentes do convite para a escrita desse prefácio. Um sentimento que veio acompanhado da lembrança de algumas imagens criadas por Rubem Alves⁴, que muito me deram coragem nos primeiros anos de minha carreira, porque este livro traz capítulos da história de educadores tratados como jequitibás. Ao ler este livro, o leitor vai se deliciar com histórias de educadores que rememoram episódios marcantes vividos por eles na escola e que farão emergir memórias singulares dos leitores, aquelas que os fazem únicos, como os jequitibás. E ao mesmo tempo, partes de uma floresta, cheia de mistérios, sincronicidades e afetos capazes de atravessar décadas. Foi como me senti ao receber o convite para este prefácio, um jequitibá reconhecido na floresta, junto a outros jequitibás e outras árvores cheias de história e com uma história também insubstituível.

Para quem não conhece, Rubem Alves contrapõe a imagem do eucalipto “essa raça sem vergonha que cresce depressa, para substituir as velhas árvores seculares que ninguém viu nascer nem plantou”, numa analogia com a ideia do professor cuja identidade foi engolida pela função, passível de medição, controle, racionalização, e cuja pessoa praticamente desaparece, com a imagem dos jequitibás, que são “árvores que têm personalidade, e os antigos acreditavam que possuíam alma. É *aquela* árvore, diferente de todas, que sentiu coisas que ninguém mais sentiu”. Os jequitibás têm uma história a ser contada, assim como o educador, “que habita um mundo em que a interioridade faz uma diferença, em que as pessoas se definem por suas paixões, esperanças e horizontes utópicos”.

Não me importo em ser lembrada como uma velha árvore, se esta for um jequitibá, que olha para trás com imensa alegria por continuar fazendo parte dessa escola e de sua história, pela memória de quem ficou e da prática dos atuais educadores que atualizam e recriam as Rodas de Partilha e os Registros a cada dia, inclusive sobre sua própria formação no ambiente de trabalho, por meio de suas memórias de salas de aula, como vemos nos capítulos deste livro. Essa é uma realidade hoje na NANE, e que agora realimentam o sonho e ousadia de 20 anos atrás daquela jovem idealista, na mulher que me tornei, atuando em empresas e seus executivos, na construção diária de um ambiente formativo, permeado pelas Rodas de Partilha e criação de condições de que também eles revelem sua pessoa escondida atrás da função que exercem, contando suas histórias e revelando suas identidades únicas e insubstituíveis.

² Fullan, Michael & Hargreaves, Andy. *A Escola como Organização Aprendente – buscando uma educação de qualidade*, Porto Alegre: Artmed, 2000.

³ Senge, Peter M. *A Quinta Disciplina – arte e prática da organização que aprende*. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2006.

⁴ Alves, Rubem. “Sobre Jequitibás e Eucaliptos – Amar”. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez Editora, 1991, pp. 9-30.



Outra camada de alegrias ao tomar este livro em mãos refere-se à sua contribuição ao campo propriamente da formação de educadores e suas metodologias de formação, ao “dar voz aos professores”, como propõe alguns pesquisadores, como Ivor Goodson⁵ e António Nóvoa⁶, tanto em conferências como em artigos e livros, destacando também o papel da instituição escolar nesse tipo concepção de formação.

Os textos de *O Passado Revisto – memórias docentes como recurso formativo* começam destacando as pesquisas do corpo diretivo e equipe de educadores acerca da concepção do espaço escolar como ambiente de formação, bem como do processo reflexivo coletivo como eixo da formação docente, descrevendo com este se estrutura no cotidiano da escola para, a seguir, focar uma dessas modalidades de formação: a via da memória docente e a reflexão sobre as práticas educativas. A seguir vem a parte mais saborosa: as narrativas de histórias vividas, começando pela narrativa do processo vivido pela escola e seus educadores desde a sensibilização com textos, filme, passando por conversas com ex-alunos da escola sobre suas próprias memórias na escola, e chegando nas memórias e histórias de cada professor. Memórias que podemos ler, ouvir e sentir, junto à emoção, enquanto vão revelando suas identidades profissionais, e também pessoais.

Identidades em constante atualização, ou “identidade como metamorfose”, como denomina Ciampa⁷. Trata-se de um “processo identitário” que nos acompanha durante a vida.

Identidade é história. Isto nos permite afirmar que não há personagens fora de uma história, assim como não há história (ao menos história humana) sem personagens. Como é óbvio, as personagens são vividas pelos atores que as encarnam e que se transformam à medida que vivem suas personagens. Enquanto atores, estamos sempre em busca de nossas personagens; enquanto novas não são possíveis, repetimos as mesmas (p. 157).

E assim vamos construindo nossa história, enquanto buscamos nossas personagens e situações em que possamos nos dar conta de quem são elas. De quem somos nós. Rubem Alves tem um belo texto sobre isso, em que diz “Eu sou muitos. Tem-se a impressão de que se trata da mesma pessoa porque o corpo é o mesmo. De fato o corpo é um. Mas os ‘eus’ que moram nele são muitos”⁸.

As histórias que contam os educadores da NANE revelam alguns episódios marcantes das identidades em construção. E de uma prática de formação. Desde o sonho com uma escola ideal, aos perdigotos de uma professora, palavra que mobilizou uma transformação na relação entre a professora e seus alunos e destes com o conhecimento, passando pelo relato emocionante de como se deu a reaproximação de dois ícones da música popular brasileira, Edgar Scandurra e Nazi, que teve a NANE e alguns de seus educadores como coadjuvantes: “Um evento que nasceu para reunir no máximo 400

⁵ Goodson, Ivor F. “Dar Voz ao Professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional” In Nóvoa, António. *Vidas de Professores*. Porto: Porto Editora, 1992, pp. 63-78.

⁶ Nóvoa, António. “A formação contínua entre a pessoa-professor e a organização-escola”. *Revista Inovação*, Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, vol. 4, nº 1, 1991, pp. 63-76.

⁷ Ciampa, Antonio da C. *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social*. São Paulo: Brasiliense. 1998.

⁸ Alves, Rubem. “Quem sou?” *Concerto para Corpo e Alma*. Campinas: Papyrus, 2002, pp. 29-34.



peças reuniu aproximadamente 700 e mais do que isso, possibilitou que dois velhos amigos pudessem reestabelecer uma amizade e ainda em prol do meu maior objetivo: dar condições de alunos bolsistas permanecerem com seus estudos em nossa escola”.

Episódios de histórias de vida que ganham mais sentido quando narradas, tanto pela via oral, mas, sobretudo, por meio da escrita, pois esta impõe fazer conexões e construir relações, ao buscarmos palavras que possam traduzir o que sentimos e vivemos para um leitor que não conhecemos. Um grande exercício. Não só de autoria, mas de empatia com quem não conhecemos. Exercícios de uma prática de formação.

Talvez falar em alegrias e em sonhos não esteja muito em moda, mas não estamos mesmo atrás de modismos, que sabemos não resultar em transformação alguma. E possamos investir nas ações de cada dia, mesmo as pequeninas, na direção de um ideal maior, podendo rememorá-las num futuro, registrá-las, aprender com elas e deixar um legado. Um presente que podemos deixar para outras gerações. Um presente que recebemos a cada dia ao sentar na Roda. Ao contar ou escrever episódios na nossa história e re-aprender com elas. Ou ao ouvir e ler as histórias como as que estão nesse livro.